



APOSTA E BESTIFICAÇÃO

Luís César Guimarães Oliva¹



Resumo: O fragmento da Aposta é um dos mais famosos e discutidos dos Pensamentos de Pascal, mas neste artigo deixaremos de lado as particularidades de sua argumentação, já bastante tratadas pelos comentadores, para nos focar na relação entre a aposta e o tipo de vida que ela acarreta. A aposta não é uma prova, mas coloca o leitor diante da derrota da razão na obtenção de provas e serve para influenciar racionalmente aquele que procura a verdade sem sucesso. O primeiro passo é abalar a indiferença do leitor à religião. O segundo, mais complexo, passa pela enigmática noção de bestificação, que tem em vista submeter o homem ao infinito por meio do cultivo de novos hábitos mentais e da imitação dos hábitos corporais do cristão. Mesmo que não possa produzir a fé, que sempre dependerá da graça divina, a bestificação tem o efeito de reformar a vida e o comportamento do indivíduo, criando nele uma disposição favorável à fé. Em suma, bestificar-se é um caminho moralmente sadio para esperar pela graça.

Palavras-Chave: Pascal. Aposta. Indiferença. Bestificação.

Abstract: The Wager fragment is one of the most famous and discussed passages in Pascal's *Pensées*, but in this article we will set aside the particularities of its argumentation, already extensively treated by commentators, to focus on the relationship between the wager and the type of life it entails. The wager is not a proof, but rather places the reader before reason's defeat in obtaining proofs and serves to rationally influence those who seek truth without success. The first step is to shake the reader's indifference to religion. The second, more complex step involves the enigmatic notion of *abêtissement* (bestification), which aims to submit man to the infinite through the cultivation of new mental habits and the imitation of the Christian's bodily habits. Even though it cannot produce faith, which will always depend on divine grace, *abêtissement* has the effect of reforming the individual's life and behavior, creating in them a disposition favorable to faith. In short, to *abêtir* oneself is a morally sound path for awaiting grace.

Keywords: Pascal. Wager. Indifference. *Abêtissement*.

¹ Mercedes Okumura, Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH), Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7934026593692818> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1894-6430> E-mail: okumuram@usp.br

1 Introdução

O fragmento Laf. 418/Br. 233², conhecido como a Aposta, é um dos mais famosos e discutidos dos *Pensamentos* de Pascal e causa polêmica tanto a respeito de sua reconstrução quanto de seu papel no interior do projeto apologético. Seria uma apologia paralela? Seria o ponto culminante do projeto apologético? Ou seu ponto de partida? Neste artigo, deixaremos de lado essas questões para nos focar na relação entre aposta e o tipo de vida que ela acarreta, de modo que passaremos muito rapidamente pela argumentação em si mesma³ e analisaremos com mais vagar as últimas linhas do fragmento.

Antes de mais nada, cumpre destacar que não se trata de uma prova: a aposta, por ser aposta, representa a derrota da razão na obtenção de provas. Pascal raciocina, isto sim, para influenciar racionalmente aquele que procura a verdade sem sucesso. Pascal se ri das provas tradicionais pois sabe que, pela razão, não conhecemos Deus. Podemos conhecer a existência e a natureza do finito porque, como nós, é limitado e extenso. Mas Deus, sem limites nem extensão, está fora de alcance.

O fragmento se estrutura como um diálogo entre o cristão e um interlocutor geômetra, embora algumas “falas” não estejam explícitas. Após mostrar que a verdade sobre a existência de Deus é indecidível pela razão, a pergunta “Deus existe?” torna-se um cara ou coroa. O cristão escolhe coroa e seu interlocutor não pode censurá-lo por isso. Porém o faz, não por aquilo que escolheu, mas por ter feito uma escolha. Conforme a primeira regra do método cartesiano, que ordena não aceitar nenhuma verdade sobre a qual paire qualquer dúvida, o geômetra recusa o cara ou coroa. Todavia, Pascal derruba a regra metodológica com um dado de fato, uma situação existencial: é preciso apostar. Sair do jogo, alegando um *parti pris* epistemológico, já é escolher cara, pois não jogar é viver sem Deus. Neste momento, Pascal realiza uma de suas famosas reviravoltas: o insano não é o cristão, mas o geômetra que hesita em apostar quando na verdade já está apostando.

² As referências aos *Pensamentos* serão feitas com indicação à numeração Lafuma (Laf.) e Brunschvicg (Br.). A edição brasileira utilizada é Blaise Pascal, *Pensamentos*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

³ Para uma análise mais detalhada desta argumentação inicial, ver Luís César Oliva, “Considerações sobre a aposta de Pascal”. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, XL, jan-jun. 2019, p. 15-33, bem como sua retomada no livro Luís César Oliva, *Natureza e Graça em Blaise Pascal*. São Paulo, Paulus, 2023.

Diante da inevitabilidade da aposta e do silêncio da razão quanto à verdade, a vontade se manifestará quanto a seu objeto próprio: a felicidade esperada em cada uma das alternativas. Ora, conforme a própria razão, ao apostar, temos duas opções: ou ganhamos o bem infinito e perdemos o nada, ou vice-versa. A decisão é óbvia.

Contudo o interlocutor cartesiano retruca: talvez eu aposte demais. O cartesiano ainda vê o mundo com os olhos do finito e julga uma grande perda os prazeres da vida. Para combater esta réplica, o cristão coloca a aposta em forma matemática: no jogo, a esperança de ganho deve ser igual ou superior ao apostado, logo é razoável jogar uma vida para ganhar muitas. Sendo o homem obrigado a jogar, e o ganho possível sendo infinito, a aposta seria razoável mesmo que houvesse uma só possibilidade de ganho contra infinitas possibilidades de perda. Mas aqui o acaso age igualmente para os dois lados... Não há o que hesitar.

2 Abalando a indiferença

Com efeito, a parte matemática da aposta termina com um “isto é demonstrativo”. Não é, contudo, o final da discussão porque, como dissemos no referido artigo, a aposta é uma argumentação.⁴ Agora o libertino quer apostar, mas laços não racionais o impedem. É sobretudo a esse ponto que Pascal queria chegar pois, desde o início, sabia que a fé é um dom de Deus e está muito além de um jogo de cara ou coroa. No começo do fragmento, o libertino queria ganhar a discussão, agora ele quer Deus e não o alcança. Como dizia Lebrun: “A aposta é, antes de tudo, uma desmontagem ideológica da atitude ‘racionalista’”.⁵

Antes de partirmos para o final do fragmento, já podemos fazer uma avaliação do que foi alcançado por Pascal dentro do plano apologético. Dado que a fé é um dom gratuito, o que a apologia (na qual se insere a aposta) pode almejar?

Laf. 12/Br. 187: Ordem. Os homens têm desprezo pela religião. Têm ódio dela e medo de que ela seja verdadeira. Para curar isso, é preciso começar por mostrar que a religião não é contrária à razão. Venerável, dar-lhe o respeito.
Em seguida, torná-la amável, fazer com que os bons desejem que ela seja verdadeira e depois mostrar que ela é verdadeira.

⁴ Sobre isso, ver Henri Gouhier. *Blaise Pascal. Commentaires*. Paris, Vrin, 1966, p. 279, e Ricardo Mantovani, *Limites da Apologia Cristã*. São Paulo, Garimpo Editorial, 2016, p. 55-58.

⁵ Gérard Lebrun, *Blaise Pascal, voltas, desvios e reviravoltas*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 120.

Venerável porque conheceu bem o homem.
Amável porque promete o verdadeiro bem⁶.

Portanto, cabe à apologia a tarefa de tornar a religião venerável e amável. Venerável porque não é contra a razão e porque conheceu bem a natureza humana. Amável porque promete o verdadeiro bem, fazendo que os homens desejem que ela seja verdadeira, contrariando assim o sentimento natural de nosso amor-próprio a respeito dela, a saber, por ele o homem a despreza e teme que seja verdadeira, justamente porque ela revela nossa verdadeira condição.

Não são poucos os fragmentos a mostrar como a religião conheceu bem o homem, sendo venerável, mas a aposta leva o leitor mais longe e mostra-lhe que a religião é venerável e amável. Mais do que reconhecer sua razoabilidade, o libertino é levado a crer que a verdade da religião é desejável. É a religião que oferece a alternativa infinitamente maior de felicidade, ao passo que apostar na vida sem Deus não nos oferece nada. Diferentemente de grande parte dos *Pensamentos*, que destacam ou bem o aspecto venerável (a razoabilidade), ou bem o aspecto amável (a promessa de felicidade), a aposta oferece a amabilidade por meio da venerabilidade. Descartado o registro estritamente demonstrativo da existência de Deus, Pascal constata que a venerabilidade (ou razoabilidade) da doutrina cristã mostra-se impotente para fazê-la amável. Por outro lado, quando Pascal muda de registro no fragmento da aposta e passa a avaliar a venerabilidade (ou razoabilidade) da posição do cristão, ele simultaneamente está fazendo uma ponte com a amabilidade da religião. Com efeito, avaliar qual é a melhor aposta com base na esperança de felicidade não é senão usar o grau de amabilidade, seja da religião, seja do ateísmo, como critério de razoabilidade para o comportamento moral. Afinal, o que significa dizer que apostar em Deus é esperar uma infinidade de felicidade em troca de nada, senão dizer que a religião na qual se dá este posicionamento é infinitamente desejável?

Assim vemos como a apologia cumpre uma função bastante clara, e o desolamento do libertino que se diz de mãos atadas é a maior prova de que Pascal chegou aonde queria. O libertino pode até não crer, e a esta altura ele já sabe que tomar o partido cristão sem o auxílio da graça não é tarefa fácil, por mais razoável que seja. Porém ele deseja tomá-lo, deseja crer, e não pode mais voltar à indiferença religiosa em que antes ele vivia. Tornar a religião amável

⁶ Pascal, op. cit, p. 5.

é antes de tudo, para o apologista, sacudir o libertino da sua indiferença, supostamente racional, à religião. Por meio de uma argumentação razoável, a aposta leva o libertino de uma situação existencial de recusar a procura de Deus para a de desejar encontrá-lo, mesmo inutilmente. Como diz Thirouin: “Pascal transforma uma indiferença inicial em frustração”.⁷

Já no fragmento Laf. 427/Br. 194, Pascal alertava para a insustentabilidade da posição do indiferente. Antes de mais nada, porque isso é fator determinante para nossa conduta moral na vida cotidiana. Não há como negar que a existência ou não de uma vida eterna muda completamente nossa vida neste mundo, pelo menos para quem se pretende razoável:

Laf. 427/Br. 194: (...) A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto, que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para ficar na indiferença de saber algo a respeito. Todas as nossas ações e pensamentos devem tomar caminhos tão diferentes segundo haja bens eternos a esperar ou não, que não é possível tomar nenhuma atitude com senso e juízo sem pautá-la por esse ponto de vista, que deve ser o nosso último objetivo.

Assim, o nosso primeiro interesse e nosso primeiro dever é de nos esclarecer sobre esse assunto, de que depende todo o nosso procedimento.⁸

Nesse primeiro momento, Pascal parece dar à noção de interesse o peso de um dever moral. Não o dever moral de crer (visto que não está ao nosso alcance), mas o dever moral de *investigar* o que será a vida após a morte. Este dever se imporia à nossa própria razão, mesmo que ela se visse incapaz de encontrar por si própria uma resposta.

O homem razoável seria obrigado a reconhecer este dever, o qual o libertino se gaba de menosprezar. Pascal não mede palavras para condenar a posição do libertino, mas logo na sequência esclarece que o interesse irracionalmente desprezado pelo indiferente não é um dever moral no sentido de lei da razão e muito menos de mandamento religioso:

Laf. 427/Br. 194: (...) Não digo isso movido por um zelo piedoso de uma devoção espiritual. Entendo, pelo contrário, que se deve ter esse sentimento por um princípio de interesse humano e por um interesse de amor próprio: basta para isso ver o que veem as pessoas menos esclarecidas.⁹

⁷ Laurent Thirouin, *Le hasard et les règles: le modèle du jeu dans la pensée de Pascal*. Paris, Vrin, 1991, p. 189. Este último comentador, porém, defende que o fragmento Laf. 418/Br. 233 é um discurso inicial para captar a escuta, ao passo que Gouhier (op. cit., p. 306) afirma que a função da aposta poderia ser exercida em vários momentos da apologia.

⁸ Pascal, op. cit., p. 166.

⁹ Idem, p. 166-167.

É o interesse do amor próprio que é ignorado pelo indiferente, o que é tanto mais monstruoso porque o amor próprio é o que há de mais sólido no eu humano. Não é preciso ser filósofo para perceber a pequenez da vida e a fragilidade dos prazeres mundanos, até porque eles são largamente compensados pela miséria humana. Diante da iminência da morte, o amor próprio não pode deixar de voltar-se para aquilo que se avizinha caso continuemos como estamos, a saber, a aniquilação ou a infelicidade eternas.

Mas ainda assim o libertino diz:

Laf. 427/Br. 194: (...) Eis aí o meu estado, cheio de fraqueza e de incerteza. E, de tudo isso, concluo que devo então passar todos os dias de minha vida sem pensar em procurar saber o que me deve acontecer.¹⁰

Não só esta posição fere o próprio interesse do amor próprio, que busca sempre a maior satisfação possível, como agride e mesmo impossibilita a maior recompensa que o amor próprio busca nesta vida: a estima dos outros. Diz Pascal, em resposta ao excerto citado:

Laf. 427/Br. 194: (...) Quem gostaria de ter como amigo um homem que discorresse desse modo? Quem o escolheria entre os outros para lhe comunicar os seus negócios? Quem recorreria a ele em suas aflições? E finalmente a que uso da vida se poderia destiná-lo?¹¹

Em suma, o indiferente não pode ser amado.

Por todas essas razões, a posição de indiferença à religião é uma aberração, tanto para o amor próprio quanto para a razão, da qual muitas vezes o libertino se gaba. Por isso a apologia, e em particular a aposta, ao tornar a religião amável, está buscando abalar a indiferença, sobretudo daquele que se crê *honnête homme*.

3 Automatismo e bestificação

Agora que o papel da apologia está mais claro, podemos ir além dela e tentar resgatar nosso libertino desesperado, que deixamos gritando no final do fragmento da aposta: “Sim, mas estou com as mãos atadas e a boca emudecida, forcem-me a apostar, e não tenho

¹⁰ Idem, p. 168.

¹¹ Idem, p. 168-169.

liberdade, não me soltam e sou feito de maneira que não posso crer. Que quereis então que eu faça?” Eis o diagnóstico:

Laf. 418/Br. 233: (...) É verdade, mas ficai sabendo ao menos que a vossa impotência para acreditar vem de vossas paixões. Visto que a razão vos conduz a isso e que mesmo assim não o podeis, trabalhai então não para vos convencer pelo aumento das provas de Deus, mas pela diminuição de vossas paixões. Quereis chegar à fé mas não sabeis o caminho. Quereis sarar da infidelidade e pedis os remédios para isso...¹²

O que se supõe aqui é algo já tratado em um opúsculo não-apologético, *Da Arte de persuadir*,¹³ no qual Pascal já nos alertava sobre a diferença entre convencer (por demonstração) e persuadir. A dificuldade da persuasão é que esta exige, além do convencimento, a quase inatingível arte de agradar. Na aposta, o combate é análogo, porém o que no opúsculo era dirigido à persuasão de um outro, no fragmento volta-se para nós mesmos. A ineficácia da parte puramente demonstrativa da argumentação, evidenciada pela percepção de que desejo crer mas estou de mãos atadas, aponta para a dimensão passional que me domina e para sua dependência do corpo. Donde a necessidade de apelar a um recurso não demonstrativo para vencer aquilo que em mim não é racional:

Laf. 418/Br. 233: (...) aprendei daqueles etc. que estiveram atados como vós e que apostam agora todo o seu bem. São pessoas que conhecem aquele caminho que gostaríeis de seguir e que foram curadas de um mal de que quereis sarar; segui a maneira pela qual eles começaram. Foi fazendo tudo como se acreditassem, tomando água benta, mandando dizer missas etc. Naturalmente mesmo isso vos fará acreditar e vos bestificará.¹⁴

A razão, mais até do que o próprio interlocutor cristão, pede que o libertino atue contra as paixões, educando o autômato que o domina. O racionalista então se vê obrigado a seguir os gestos do cristão, a ir à missa, a rezar, a *bestificar-se*. Esta expressão sempre chocou os leitores e intérpretes, que até hoje disputam sobre seu sentido.¹⁵ Todos, porém, igualam-se ao aproximá-la da abertura do fragmento Laf. 821/Br. 252: “Pois não devemos nos enganar, somos autômato tanto quanto espírito. E daí decorre que o instrumento pelo qual se faz a

¹² Idem, p. 162.

¹³ Apud Blaise Pascal, *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir e outros escritos de ciência, política e fé*. Belo Horizonte, Autêntica, 2017, p. 61-76.

¹⁴ *Pensamentos*, p. 162. Tradução levemente modificada.

¹⁵ Para uma retomada recente do debate, ver Vincent Darveau-St-Pierre, *L'abêtissement chez Pascal*. Mémoire présenté à l'Université de Montréal, 2016.

persuasão não é a demonstração apenas”.¹⁶ Fazer com que nos agrademos com a religião passaria, portanto, pelo automatismo corporal, imitando os atos físicos dos convertidos, o que abriria a porta para a verdadeira conversão. Não há dúvida de que as referidas linhas do fragmento da aposta remetem a uma certa prática corpórea, mas como isto se coadunaria com a distância infinita dos corpos aos espíritos,¹⁷ e com a distância infinitamente infinita dos espíritos à caridade, onde se situa a verdadeira fé? Talvez estas perguntas não sejam irrespondíveis, desde que compreendamos melhor a noção de bestificação e seu correlato, o automatismo.

Já em 1932, Étienne Gilson¹⁸ alertava que o surpreendente verbo “*s’abêtir*” devia ser tomado literalmente, ou seja, como propondo por modelo os comportamentos dos animais, interpretação que nos levaria naturalmente para a ideia de um automatismo puramente físico, visto que reinava em Port Royal a concepção cartesiana do animal-máquina. Todavia isto não esgota a questão. Mais do que a estrutura puramente mecânica, o que Pascal destaca nos animais é o instinto. Como o filósofo explica no *Prefácio ao tratado do vácuo*,¹⁹ o instinto faz com que os animais repitam indefinidamente o mesmo comportamento. Esta perspectiva, menos centrada na corporalidade maquínica do que na repetição habitual, é o que autoriza muitos intérpretes a falar de um automatismo psico-fisiológico, ou mesmo puramente psicológico, para entender a bestificação.

Com efeito, a continuação do fragmento Laf. 821/Br. 252, que nos dissera sermos tanto autômato quanto espírito, não nos sugere que o automatismo em questão seja puramente corpóreo:

Laf. 821/Br. 252: (...) As provas só convencem o espírito; o costume faz as nossas provas mais fortes e acreditadas. Ele inclina o autômato que carrega o espírito sem que ele pense nisso. Quem demonstrou que amanhã será dia e que morreremos? E há algo em que se creia mais? É portanto o costume que nos persuade dessas coisas. É ele que faz tantos cristãos, que faz os turcos, os pagãos, os ofícios, os soldados etc. (Para os cristãos há, a mais do que para os pagãos, a fé recebida do batismo.) Finalmente é preciso recorrer sempre a ele uma vez que o espírito viu onde está a verdade a fim de nos desalterar e de nos tingir com essa crença que nos escapa a toda hora, pois é muito difícil ter sempre presentes as suas provas. É preciso adquirir

¹⁶ Pascal, op. cit., p. 323.

¹⁷ Vide Laf. 308/Br. 793.

¹⁸ Étienne Gilson, “Le sens du terme “*s’abêtir*” chez Blaise Pascal”. In: *Les idées et les lettres*. Paris, Vrin, 1932, p. 262-274.

¹⁹ Apud *Do espírito geométrico...*, p. 101-112.

uma crença mais fácil que é aquela do costume que, sem violência, sem artifício, sem argumento nos faz crer nas coisas e inclina todas as nossas potências a essa crença, de modo que a nossa alma se submete naturalmente a ela. Quando só se acredita pela força da convicção e o autômato está inclinado a crer no contrário, isso não basta. É preciso fazer com que as duas partes creiam, o espírito pelas razões que basta ter visto uma vez na vida, e o autômato pelo costume, e sem lhe permitir que se incline para o contrário. *Inclina cor meum deus*²⁰ [Inclina meu coração, ó Deus].²¹

Como se vê, a despeito da referência inicial ao autômato, nada indica que Pascal se refira a um hábito puramente corporal. Afinal, como salienta Laporte, não é o corpo que crê²². O que está em questão é um hábito mental, que faz com que as provas racionais, em princípio válidas eternamente, se associem a uma crença mais fácil, a um peso afetivo, e portanto a uma eficácia, que por si sós elas não tinham.

Nos *Pensamentos*, Pascal se esforça para desvendar os mistérios que surgiam como inacessíveis em *Da Arte de persuadir*, e é neste esforço que o hábito se destaca como elemento fundamental, sobretudo porque a alma tende a dar seu assentimento às ideias, ou seja, a crer nelas, independentemente de sua evidência demonstrativa:

Laf. 99/Br. 536:(...) O homem é feito de tal modo que, à força de lhe dizerem que é um tolo, acaba acreditando. E à força de dizê-lo a si mesmo, acaba ele próprio acreditando, pois o homem mantém sozinho uma conversa interior que importa regular. *Corrumpunt bonos mores colloquia prava* [As más conversas estragam os bons costumes]²³. É preciso ficar em silêncio tanto quanto se pode e só se entreter com Deus, que se sabe ser a verdade, e assim a gente persuade-se a si mesmo.²⁴

O poder persuasivo deste discurso interior é o que subjaz à força do hábito desenvolvida no há pouco citado fragmento Laf. 821/Br. 252. É por esta repetição mental que nos persuadimos a nós mesmos, protegendo um determinado conjunto de ideias, demonstradas ou não, do ataque de outras que tentam substituí-las. Como este embate se dá no terreno da imaginação, a força das demonstrações não prevalece por si mesma, a não ser que o hábito venha consolidá-las pelo discurso interior, ou seja, nos termos do fragmento da aposta, venha diminuir as paixões que obstaculizam a razão.

²⁰ Sl. CXVII, 36.

²¹ Pascal, *Pensamentos*, p. 323. Tradução levemente modificada.

²² Jean Laporte, *Le coeur et la raison selon Pascal*. Paris, Elzévir, 1950, p. 89.

²³ I Cor. XV, 33.

²⁴ Pascal, op. cit., p. 35.

Por outro lado, exatamente porque a batalha se dá no terreno da imaginação, poucos são os fragmentos em que este hábito mental não se acompanha também de hábitos corporais. E não poderia ser diferente, visto que o homem, como diz o fragmento Laf. 199/Br. 72, mais do que mera máquina ou mero espírito, é uma mistura de alma e corpo. Pascal leva a sério a *Sexta meditação* cartesiana, bem mais do que as anteriores; portanto, ao opor espírito e autômato no fragmento Laf. 821/Br. 252, não estava propriamente opondo *res cogitans* a *res extensa*, mas o espírito puro, que se manifesta na razão demonstrativa, ao misto de alma e corpo no qual os hábitos se encarnam.

Se o homem fosse puro espírito, sua razão seria incapaz de ceder a recursos que não fossem dela própria, e estaria sempre indefesa diante da força das paixões. Mas o homem é mescla de corpo e espírito, por isso pode socorrer-se do hábito quando a razão está de mãos atadas. Assim devem ser entendidos os exemplos de hábitos corporais no fim do fragmento da aposta (tomar água benta, dizer missas, etc.). Este agir “como se acreditasse” não tem eficácia por sua mera realidade física, mas pelo impacto imaginativo que tem no composto alma-corpo. Como dissemos, é no campo da imaginação que se dá o verdadeiro embate afetivo. Explica Desgrippes:

Quando Pascal escreve que o costume “inclina o autômato que carrega a mente sem que ela pense nisso” (Laf. 821/Br. 252), entende que o mecanismo do hábito se completa necessariamente na alma por um conhecimento de um certo tipo: não aquele que se apresenta como conclusão de uma série de “razões”, mas o que se precipita sob forma de “sentimento” consciente, isto é, um grupo de imagens, de ideias amiúde atualizadas só em parte, mas presentes ao espírito.²⁵

Isto se dá a ver particularmente nos fragmentos políticos, como o Laf. 25/Br. 308. O terror produzido pelo aparato e pelo séquito régios associa-se na imaginação dos súditos ao rosto do próprio rei, dando ao ideário do direito divino um reforço sem o qual ele não se sustentaria. Mas este não é o único campo de atuação do hábito. Como se vê no fragmento Laf. 419/Br. 89, o hábito produz um sentimento semelhante ao do coração (ao afirmar os princípios da geometria) e ao sentimento do povo (ao crer na naturalidade do poder político). Esta confusão é útil para a consolidação do Estado, mas também não é desimportante no interior do projeto apologético. Não na própria apologia, que em certo sentido já acabou após

²⁵ Georges Desgrippes, *Études sur Pascal: de l'automatisme à la foi*. Paris, Pierre Tequi, 1935, p. 15.

ter atestado a razoabilidade da posição cristã, mas, por assim dizer, no “dia seguinte da apologia”, quando se verifica que a aposta razoável não pode ser feita devido à resistência das paixões. Impondo-se ao corpo a rotina cristã, não só ele se habituará, mas a própria alma, pelas imagens, experimentará continuamente este tipo de vida, naturalizando-a, retirando-lhe a aparente dificuldade de realização. Isto “bestifica”, inicialmente no sentido de fazer impor-se o hábito corporal, repetição irrefletida que é a única realidade dos animais, mas impor-se não propriamente à razão, e sim às paixões que combatem no terreno anímico os afetos que tornariam a religião amável.

Não nos enganemos, porém, com relação aos limites do procedimento. Mesmo Desgrippes, o comentador que mais longe avança na valorização do automatismo, reconhece que o costume, embora produza uma crença, não produz aquela que, por meio da graça, dá a salvação²⁶. Dizer o contrário seria negar a letra de Pascal:

Laf. 808/Br. 245: Há três modos de se crer: a razão, o costume, a inspiração. A religião cristã, única a ter a razão, não admite como seus verdadeiros filhos aqueles que creem sem inspiração. Não que ela exclua a razão e o costume, ao contrário; mas é preciso abrir a mente para as provas, confirmar-se pelo costume, mas oferecer-se pelas humilhações às inspirações, únicas que podem produzir o verdadeiro e salutar efeito, *ne vacuetur crux Christi*²⁷ [A fim de que não seja inútil a cruz de Cristo].²⁸

Aquela terapia corporal não pode produzir a verdadeira fé, mas no máximo uma crença natural. Todavia é necessária para fazer (nos termos do fragmento Laf. 12/Br. 187) com que o desejo de que a religião seja verdadeira vença o temor de que ela seja verdadeira. É deste temor que vem a réplica do libertino na aposta: “*Mas é isso que eu temo*”.

Isto assusta a razão, mas é a última alternativa para a Razão, entendida num sentido mais profundo. Derrubar esta Razão mais profunda é derrubar nossa própria humanidade e isso é muito pior do que desafiar nossa razão (geométrica) apaixonada. Bestificar-se, ao contrário, é a não-racionalidade razoável, é viver em função do infinito, mesmo sem crer nele e, para isso, a aposta dará lugar a um esboço de reforma da conduta moral, pelo menos do ponto de vista da exterioridade. Assim Pascal transforma questões ontológicas (Deus existe?

²⁶ Desgrippes, op. cit., p. 45-46.

²⁷ I Cor. I, 17.

²⁸ Pascal, op. cit., p. 319.

A alma é imortal?) em questões morais que abrangem não só a razão, mas o homem como um todo (“Laf. 72/Br. 66: É necessário conhecer-se a si mesmo. Ainda quando isso não servisse para encontrar a verdade, pelo menos serve para regradar a própria vida, e nada há de mais justo.”²⁹).

Através da conduta cristã, o homem se desliga da carne e vivencia o nada das coisas. É somente assim que se escancara a falta de sentido do resistente temor do libertino:

Laf. 418/Br. 233: (...) Ora, que mal vos ocorrerá se tomar esse partido? Sereis fiel, honesto, humilde, reconhecido, benfazejo, amigo, sincero, verdadeiro... Na verdade não estareis nos prazeres empestados, na glória, nas delícias, mas não tereis acaso outros?

Digo-vos que já nesta vida ganhareis e que, a cada passo que derdes nesse caminho, vereis tanta certeza de ganho e tanta nulidade daquilo que arriscais, que reconhecereis no fim que apostastes por uma coisa certa, infinita, pela qual nada destes.³⁰

Esta conduta torna o homem amável e amigo sincero, ou seja, *amado*, satisfazendo, sem injustiça, ao principal anseio do amor próprio, o qual, paradoxalmente, está em vias de transformar-se em caridade. Tal conduta também torna o homem verdadeiramente *honesto*, concretizando o modelo do *honnête homme* que, também paradoxalmente, está prestes a ser superado.

Além de amado e honesto, a bestificação também torna o homem humilde, uma das marcas mais fortes desta reforma da conduta moral produzida pela aposta. Por isso a imitação dos hábitos corporais do cristão é tão importante. Ela representa, na ordem dos corpos, o reconhecimento de que não somos mais o centro do universo, de que nos amamos apenas como parte do todo, mas nos odiamos ao sermos tomados (ou nos tomarmos a nós mesmos) como o todo, o que contraria diretamente as pretensões do amor próprio. Este, que é favorecido na medida em que a bestificação nos faz amados, é negado enquanto ela nos humilha. Por isso a humildade sem a graça nos será sempre custosa. Se esta humildade árida não é a verdadeira virtude moral, pelo menos ela encontra a verdadeira moral nos seus efeitos exteriores, ou melhor, no combate aos efeitos exteriores do seu oponente direto, o orgulho.

²⁹ Idem, p. 26.

³⁰ Idem, p. 162.

Finalmente, pelos novos hábitos, o homem é levado a redimensionar os bens mundanos, que se aniquilam. É, portanto, pela vivência que se pode compreender plenamente o início do fragmento Laf. 418/Br. 233, quando este dizia: “(...) A unidade acrescentada ao infinito não o aumenta em nada, não mais do que um pé a uma medida infinita; o finito se aniquila na presença do infinito e torna-se um puro nada.”³¹ No início do fragmento, estas palavras representavam apenas uma concessão que o geômetra era obrigado a fazer devido a seus próprios princípios. Elas o convenciam, mas não persuadiam. Agora, porém, ele diz: “Ó, este discurso me transporta, me arrebatava.”³² A vivência da bestificação torna aquelas palavras efetivamente persuasivas, o que dará nova força para toda a argumentação que se seguiu delas. O discurso, que tornara a religião amável, agora também agrada, e portanto persuade, de ponta a ponta.

A aposta, deste modo, é um convite racional para entregar-se a Deus, para bestificar-se. Quem aposta racionalmente (ou seja, na ordem dos espíritos) e habitua o autômato (na ordem dos corpos) faz tudo que pode o homem para se colocar à disposição do Criador. Bestificar-se é viver para o infinito, agir para o infinito, pensar sempre visando ao infinito e tudo interpretar na direção do infinito, à espera de que Deus nos conceda sua graça. Neste sentido, a racionalidade discursiva usada pelo apologista na aposta não é manifestação de orgulho, mas um exemplo de bestificação (no caso, a do próprio apologista) que não contradiz a submissão. Bestificar-se não é abandonar o pensamento, que Pascal considera um fator de grandeza, mas colocar este pensamento a serviço da caridade. Portanto não contra a razão, mas a favor da Razão mais profunda que sabe que nosso fim último é a salvação.

Depois desta argumentação, pode-se chegar a uma definição mais completa de bestificação: disposição de tudo que está ao nosso alcance (seja na ordem material ou espiritual) para o infinito, mesmo sem compreendê-lo e antes de crer. Bestificar-se é um caminho moralmente sadio para esperar pela graça, mas ainda é uma aposta, uma atitude da esfera humana e, portanto, longe de ser a verdadeira causa da graça. A condição humana permanece trágica. Por isso o dever moral de dispor o autômato para a recepção da graça de

³¹ Idem, p. 158.

³² Idem, p. 163.

modo algum contradiz a gratuidade absoluta do dom divino, tanto que o fragmento termina com a seguinte declaração:

Laf. 418/Br. 233: (...) Se este discurso vos agrada e vos parece forte, ficai sabendo que ele é feito por um homem que se pôs de joelhos antes e depois, para rogar a esse ser infinito e sem partes, ao qual submete todo o seu, que submeta a si também o vosso para vosso próprio bem e para a sua glória; e que assim a força se coadune com a baixeza.³³

Nas últimas linhas do fragmento, o cristão se despe da vestimenta de apologista, revelando que já esteve na posição do libertino e que, por conseguinte, não é melhor do que seu ouvinte. Ajoelhou-se antes para bestificar-se; agora se ajoelha para pedir a Deus que o ouvinte, bestificado, também seja submetido integralmente. Para ambos, porém, o agente final da submissão é um só: Deus.

REFERÊNCIAS

DARVEAU-ST-PIERRE, V. **L'abêtissement chez Pascal**. Mémoire présenté à l'Université de Montréal, 2016.

DESGRIPPES, G. **Études sur Pascal**: de l'automatisme à la foi. Paris: Pierre Tequi, 1935.

GILSON, É. **Le sens du terme "s'abêtir" chez Blaise Pascal**. In: Les idées et les lettres. Paris: Vrin, 1932.

GOUHIER, H. **Blaise Pascal. Commentaires**. Paris: Vrin, 1966.

LAPORTE, J. **Le cœur et la raison selon Pascal**. Paris: Elzévir, 1950.

LEBRUN, G. **Blaise Pascal, voltas, desvios e reviravoltas**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MANTOVANI, R. **Limites da Apologia Cristã**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.

OLIVA, L. C. Considerações sobre a aposta de Pascal. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. XL, jan-jun 2019.

OLIVA, L. C. **Natureza e Graça em Blaise Pascal**. São Paulo: Paulus, 2023.

³³ Idem, p. 163.

PASCAL, B. **Do espírito geométrico e Da arte de persuadir e outros escritos de ciência, política e fé.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PASCAL, B. **Pensamentos.** Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THIROUIN, L. **Le hasard et les règles: le modèle du jeu dans la pensée de Pascal.** Paris: Vrin, 1991.



